



Lhau Masc Araujo

Conhecido propagandista do vegetarianismo, que ultimamente tem percorrido o norte do paiz

(Foto-Chic de A. Marques)

Braga, 13 de Outubro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA DA PAX -- BRAGA

NUMERO 342 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da *ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA* — BRAGA

Telefone, 212

CONVIDAM-SE OS CATOLICOS . . .

que pretendam comprar *artigos religiosos*, a visitarem a

CASA DE S. JOSÉ

168, Rua das Flores, 170 — PORTO

para apreciarem o seu sortido completo em *terços, medalhas, estampas, crucifixos, livros de missa, etc.*, e avaliarem os seus preços de *revenda e propaganda*.

Vendas por junto, de Diplomas das Filhas de Maria, Oleografias de todos os tamanhos, Redomas, Crucifixos do Perdão, patentes e medalhas do Apostolado da Oração, etc. etc.

ATENÇÃO

Em troca da seguinte senha brinde terão os nossos clientes um desconto de 10 % em toda e qualquer compra efectuada a dinheiro em nossa casa, desconto este que será convertido em quaisquer artigos religiosos à sua escolha !

<p>Senha-brinde DA _____ Casa S. José FUNDADA EM 1896 168, R. das Flores, 170 — PORTO Esc. Data :</p>
--

Escreva um postal á Casa de S. José,
preguntando preços e instruções.

LIMA, FILHÃO & C.ª L.ª DA

Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

BRAGA

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS

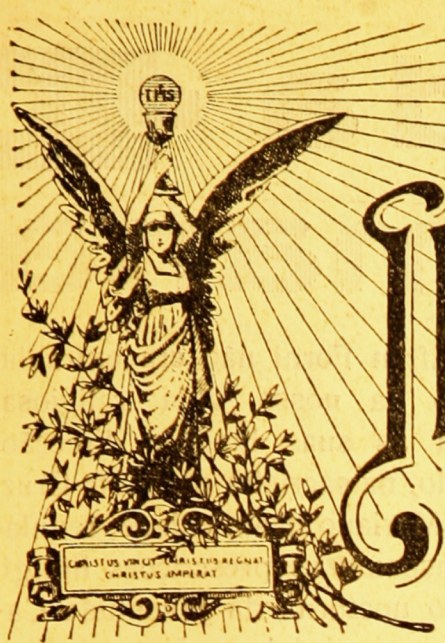


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

— 88 —

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º
Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 13 de Outubro de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 342



Offic. Commercio

AFRICA OCIDENTAL — Um aspecto da procissão do SS. Sacramento, ao passar na rua Pinheiro Chagas, vendo-se à direita a casa comercial Borges & Tavares

(Cliché de S. Espinho)

ALTOS DIGNATARIOS DA IGREJA

Semana

NO mesmo dia, e era o em que Portugal celebrava o seu Padroeiro S. Francisco de Borja, saíram das cidades onde largo tempo exercitaram a sua acção, dois Prelados. Foi um o nosso amigo D. António Bento Martins Junior, que sagrado recentemente Bispo para Bragança partiu a terminar a viuvez daquela igreja. O outro foi Mons. Efrem Forni, que seguiu para a Nunciatura de Paris, subindo mais um posto na diplomacia pontificia a que pertence.

Um e outro são Prelados novos na idade, amadurecidos no saber, formados na experiencia. O Bispo de Bragança sucede a um Prelado bem insigne, e irá continuar ali os meritos de 37 gloriosos predecessores. O antigo secretario da Nunciatura de Lisboa deixa o cargo da direcção que teve interina, em sabios e prudentes mãos que certo proseguirão o trabalho zeloso dos representantes pontificios.

Não poderemos nós, no rapido escorço de uma cronica, minudenciar benemerencias de um nem de outro Prelado. Um e outro sabiam oportunamente fazer-se tudo para todos, para dilatar o reino de Cristo na paz.

Mons. Efrem Forni, cujo finissimo trato, e ponderosa discreção todos conhecem em Portugal, apreciando como merece o seu tino diplomatico, tem já demarcada a sua carreira, pelos regulamentos pontificais. Do seu cargo de secretario na Nunciatura de Lisboa, passa agora a fazer serviço na de Paris, onde novos triunfos o esperam. Subirá depois ao cargo dos Ex.^{mos} Nuncios, tendo ao fim a espera-lo a purpura cardinalicia, se até ela, como desejamos o esperar a Providencia.

Uma grande parte do prestigio que a Santa Sé tem obtido em Portugal nos ultimos tempos, deve-se a Mons. Efrem Forni, que foi valiosissimo auxiliar do Senhor Nuncio, colaborando com ele na acção multiforme que junto do governo, do episcopado e dos fieis tem exercido o enviado de S. Santidade.

A Mons. Efrem Forni não era extranho nenhum ponto da nossa vida religiosa. Nunca negava as suas luzes e direcção. Estamos a ve-lo, na sacristia de Santa Cruz, no Congresso Mariano desta cidade, regulamentando, consoante as prescrições litúrgicas, a adoração nocturna da Juventude Catolica, esse monumental e formosissimo acto daquele magno Congresso, e preceituando no seu portuguez cantante de italia: « Vai celebrar o Senhor Arcebispo de Evora, e durante a sua missa ninguem mais celebra; depois celebra o Senhor Bispo de Meliapôr, e nos altares laterais celebra Mons. Pereira dos Reis e celebrou eu; depois celebram todos, indistintamente. »

Tal era Mons. Efrem Forni, que já os portuguezes se habituavam a considerar como seu o que sai agora para o estrangeiro se é que para um católico existe, dentro da organização catolica esta palavra. Que a divina munificencia o proteja, o guarde, e o premeie, são os votos da nossa saudade.

Quando Mons. Efrem Forni partia para alem das fronteiras portuguezas, saía tambem das bracarenses D. António Bento Martins Junior, a quem o Metropolita foi acompanhar na sua entrada solene entre o rebanho aos seus cuidados entregue.

Já nos referimos, outra ocasião, à sua modestia, ao seu saber, ao seu zelo, às eminentes qualidades que a Santa Sé recordou, chamando-o ao munus episcopal. Começa sob delicados auspicios o seu governo: um dos seus primeiros actos vai ser o consagrar ao Coração de Jesus a diocese, pela determinação que nisso teve o episcopado. *Urget nos Caritas Christi*, proclama o novo Prelado brigantino e não podia encontrar melhor lema nem mais nobre divisa: Que a Caridade de Cristo, o Amor que invocou lhe torne suavissimo o munus, faceis os cuidados, e glorioso o seu pontificado.

OS PASTORES

*Guardavam certos pastores
Seus rebanhos, ao relento,
Sob os céus consoladores
Pondo a vista e o pensamento.*

*Quando viram que descia,
Cheio de glória fulgente,
Um anjo do céu, do Oriente,
Que era mais claro que o dia!*

*Jámais os cegara assim
Luz do meio dia ou manhã,
Dir-se-hia o audaz Serafim,
Que um dia venceu Satã.*

*Cheios de assombro e terror,
Rolaram na erva rasteira,
— Mas êle, com voz fagueira,
Lhes diz, com suave amor:*

*Erguei-vos, simples, daí,
Humildes peitos da aldeia!
Nasceu o vosso Rabí,
Que é Cristo — na Galilèa!*

*Num berço, o filho rial!
Não o vereis reclinado!
Vê-lo-eis pobre e enfaixado,
Sobre as palhas de um curral!*

*Segui dos astros a estrada,
Levai pombas, ramos, palmas,
Ao que traz uma joeira
Das estrelas e das almas!*

*Foi-se o anjo; e nas neblinas
Então, celestes legiões,
Soltam místicas canções,
Sôbre violas divinas,*

*Erguem-se enfim os pastores,
E vão caminhos dâlem,
Com palmas, rôlas e flores,
Cordeiros, até Belem.*

*E exclamam indo a andar:
— « Vamos ver o vinhateiro!
Ver o que sabe lavrar!
Nas nuvens: — vêr o Ceifeiro!*

*« Vamos beijar os pés nus
Do que semeia dos céus!
Vêr esse pastor, que é Deus,
E traz cajado de luz! »*

*Chegando ao presèpio, enfim,
Câem de rojo os pastores,
Vendo o herdeiro de Eloím,
Que veste os lírios e as flores.*

*Dão-lhe pombas gloriosas,
Meigos, tenros animais.
— Mas vendo coisas radiosas,
Casos vindouros, fatais . . .*

*Abria o Deus das crianças
Uns olhos profundos, graves,
No meio das pombas mansas:
— Nas palpitações das aves!*

GOMES LIAL.

Batalha e Fátima

I

(NOTAS E IMPRESSÕES)

A BATALHA

TUDO ali é cheio de magestade e grandesa, revelando bem a Fé ardente que o inspirou e o heroico feito que comemóra.

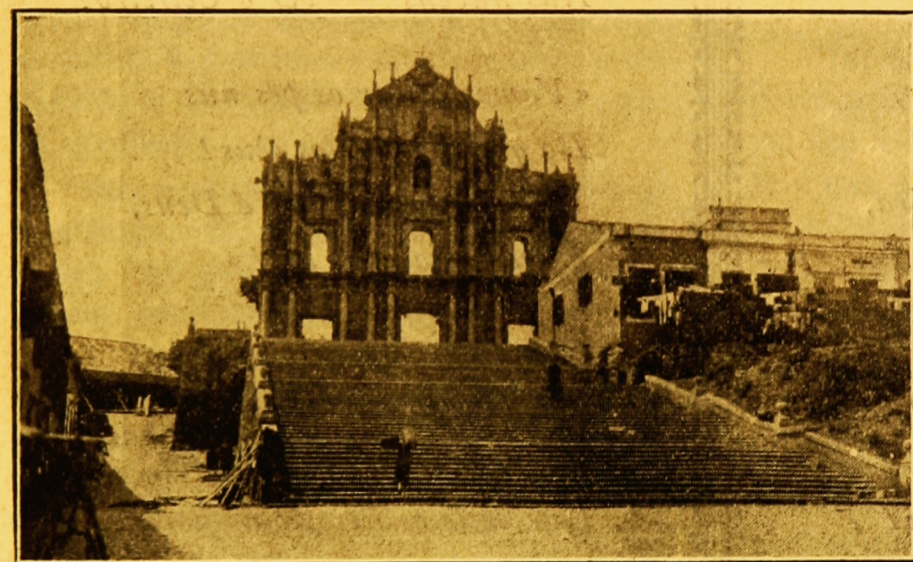
Fundida, por assim dizer, com as do Evangelho, lê-se, na grandiosidade desse monumento admiravel, uma das mais belas e brilhantes paginas da História pátria, em que a arte maravilhosa do homem soube lavrar imorredoura e assombrosamente *em pedra portugêsa*, essa epopeia de sublime patriotismo, que, — *quais Lusíadas em architectura* — atesta aos vindouros, nas glórias do

Não longe dêsse recinto, referenos a historia que aquêle portugêus, illustre por tantos titulos, que se chamou o Santo Condestável D. Nuno Alvares Pereira, antes de entrar na batalha ou quando, no ardor da peleja, as hostes inimigas ameaçavam derrotar o seu exercito fiél — que se batia por Deus e pela Pátria em defêsa (1) *da verdadeira Igreja*, ajoelhava reverente erguendo ao Céu humildes e suplices, em fervorosa oração, as mãos valorosas e impolutas que, no ardôr da batalha, firme e corajosamente brandiam a espada flamejante pela independencia nacional que era tambem o triunfo da Santa Igreja! (1)

Não é sem profunda emoção que um coração portugêus contempla e admira o mosteiro da Batalha, vibrando nêle um nobre e orgulhoso sentir num mixto de admiração e entusiasmo, num vehemente e indefinivel transporte de patriotismo e Fé!

Porque é a Fé e o patriotismo que fazem com que nos sintamos grandes daquela grandiosidade sublime!

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES.



MACAU — As ruínas da antiga igreja de S. Paulo

passado que perpetúa, as graças e prodigios que, recompensando a sua fervorosa Fé, Nosso Senhor, misericordiosa e abundantemente derramou, por intermedio da Virgem Imaculada sua doce Podroeira, sôbre o nosso Portugal.

Sintetizando bem a alma crente portugêsa, venera-se hoje no altar de S. Jorge dêsse templo magestoso, a imagem artistica e bela daquele que era guerreiro e foi monge, e que, tendo sido verdadeiro heroi, soube tornar-se um glorioso santo!

no meio

(1) V. Mon. Lusit. pag. 8. — P. 8, 1. 22 — cc 40 e 41.

Não podendo vencer o marechal de Luxembourg, que o forçara a levantar o cerco de Charleroi e ganhára a batalha de Saint-Denis, o principe d'Orange vingava-se chamando *corcunda* ao marechal, a quem isso foi repetido.

— Corcunda? Como sabe ele, se nunca me viu pelas costas?

A provavel origem do seu nome

SEGUNDO as melhores e mais acertadas presunções derivou o seu nome do primitivo abarracamento de madeira em que, durante muitos anos, se tomaram os banhos sulfurosos nesta então pequenina povoação.

Nos documentos mais antigos em que se fala desta localidade se lhe dá o nome de Santo António das Taipas.

Porém actualmente constitui uma freguezia cujo orago é o apóstolo S. Tiago, sendo geralmente conhecida pela denominação de: *S. Tomé de Caldelas*, facto este que nos leva a supôr que a criação desta freguesia é muito posterior ao início da povoação.

Logo nos seus principios era o D. Prior da collegiada de Guimarães, quem em nome do seu Cabido apresentava o pároco com o titulo de cura que auferia 60\$00 esc. de cóngrua.

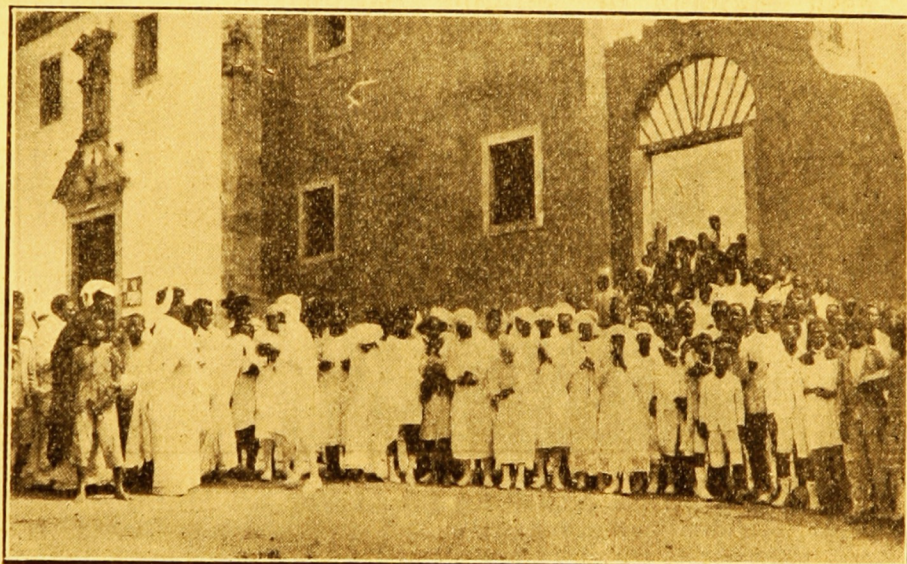
Tinha então a freguesia 450 fogos com 1526 habitantes.

São actualmente freguesias limitrofes as seguintes: ao norte, *Santa Cristina de Longos* e *S. Lourenço de Sande*; ao nascente, *S. Claudio do Barco*; *Santo Estêvão de Briteiros* e *S. Salvador de Briteiros*; ao poente, *S. Martinho de Sande* e *S. Clemente (de Sande)*; ao sul, *S. João de Ponte* e *Santa Maria de Corvite*. Abrange 27 lugares a saber: *Pedraido, Faisca, Quintã, Melre, Bemposta, Rabata, Rabelo, Bouça, Corrapitos, Penedo da Lama, Bouços, Charneca, Lameira, Alem, Corregal, Alvite, Assento, Bacelo, Baiona, Junqueira, Piaixo, Taipã de Baixo e Taipã de Cima, Largatal, Pinhel, Caldinhos, Seara* e outros de so-
menos importancia.

Num raio de dez quilómetros cercam-na as seguintes serras: a de *S. Miguel de Brito* com 320 metros de altitude; a do *Outinho* com 485 metros; a de *Sabroso* com 278 metros; a de *Santa Eulália* com 285 e a do *Sameiro* com 582. Releve-se-nos aqui um pequeno parentesis.

Oh! como sabe bem recordar os tempos passados! Como é doce e suggestivo!!!

Porém permiti-me que a propósito d'aquela última serra vos diga que era



FESTA A NOSSA SENHORA DO CARMO EM LUANDA
Grupo de néo-comungantes à saída da escola anexa à igreja.

a sua ascensão um dos passeios mais predilectos da colónia balnear, há uns trinta anos, pouco mais ou menos.

Como são intensas as saudades que nos sugere a recordação d'esses tempos em que ainda joven assistiamos cheio de contentamento áquela comunicativa alegria dos excursionistas! Logo que surgia a aurora, um grande grupo de banhista montados em possantes gericos, um dos mais engraçados transportes de então, lá iam a caminho do Sameiro. Era fantastico e surpreendente o esvoaçar dos trajos leves e vaporosos

das senhoras, á semelhança de brancas mariposas a adejar, a adejar pela montanha acima!!

Que série de peripécias interessantes se desenrolavam durante o trajecto, em geral, devidos á pouca pericia dos cavaleiros!

Além destas há ainda uma outra serra a da *Falperra* que era tambem outróra um ponto forçado das ascensões dos banhistas.

Ali gosava-se a frescura do lindo local, ainda hoje muito frequentado por não poucas famílias de Braga, principalmente, que para ali vão *mudar de ares*, porque ela, medindo para cima de

dancings, os monumentais clubs, os faustosos «bars» nos quais um ambiente cheio de miasmas sufoca, atrofia e prejudica a saúde dos maisões, há um certo conforto, a necessária tranquilidade e o bem-estar tão recomendados a quem padece e sofre.

Apesar de não ser uma estancia thermal pródiga em superfluidades de luxo e passa tempos, as Taipas possuem umas aguas medicinais que têm operado curas verdadeiramente sensacionais, *miraculosas*.

E tanto que todos os anos affui a esta estancia não pequeno número de banhistas, que, não obstante terem decorrido já anos sobre a sua cura ainda hoje as frequentam por gratidão á sua reconhecida efficácia.

P. Alberto Gonçalves

O Macaco e os dois gatos

Dois gatos tinham roubado um pedaço de queijo e não podiam entender-se na repartição. Para terminar o debate, combinaram em expor o caso a um macaco. Este aceitou com muita ancia a função de arbitro, que lhe ofereciam.

Partiu o queijo em dois pedaços, e trazendo uma balança diz: — Este pedaço pesa mais que o outro... No mesmo instante dá-lhe uma dentada, tirando assim um bom bocado, para restabelecer o equilibrio.

— Espere, espere, disseram os dois gatos, que já não estavam contentes com o resultado do processo: dê a cada um de nós uma porção, e ficamos satisfeitos.

— Se estão satisfeitos, a justiça não o está, replicou o macaco: negocios de natureza tão complicada não se podem julgar á pressa.

Os pobres gatos, vendo que o queijo diminuia cada vez mais, suplicaram ao juiz, que não se incomodasse mais, e que lhes desse o que restava.

— Ainda não, meus amigos, replicou o macaco; devo fazer justiça tanto a mim mesmo, como a vós: o que resta, pertence-me, como salário das minhas funções.»

Dizendo isto, mete na boca o resto do queijo, e fechou a audiencia.



FESTA A NOSSA SENHORA DO CARMO EM LUANDA
Grupo de indivíduos que se acercaram da Sagrada Mêsna no dia da festa.
(Vêm-se as trazeiras do edificio e o Rev. Pároco snr.
P.^e António Barata Duarte, ao meio).

500 metros de altitude, abunda em bellissimos panoramas e em ares tão saudáveis, ares que já se tem pensado em fundar ali um sanatório para tuberculosos. Não se imagina como se passam socegadas as horas, num verdadeiro extasis de consolação e de goso, numa atmosfera banhada dos perfumes das agrestes plantas, que vigorizam e tonicam os pulmões d'aqueles que sedentos os aspiram em sôfregos haustos.

Se o leitor lá fosse comnosco havia de ver que tudo isto é verdade.

Nas Taipas passam-se bem uns trinta dias. Embora aqui não hajam os

NO SAMEIRO

AS ÚLTIMAS MIRACULADAS

No dia 23 do passado mez, houve mais uma peregrinação ao Sameiro.

Ali, quando se deu a benção do SS. Sacramento aos doentes, recebeu a graça de se levantar e se sentir curada, a Snr.^a D. Maria Ferreira dos Santos, da freguezia de Galegos, Barcelos, que estava paralitica há 8 anos.

O caso, como é



A Snr.^a D.^a Maria Ferreira dos Santos, rodeada pelas «Auxiliadoras de Maria», enfermeiros, Bombeiros Voluntarios e Scouts.



natural, produziu a maior emoção entre os fieis.

E' esta a segunda graça notavel colhida no Sameiro, no presente ano.

Ha dias, inesperadamente apareceu no Sameiro, rodeada de varios seus conterraneos, a miraculada Sr.^a D. Maria Ferreira dos Santos, que por seu pé e sem o amparo de pessoa alguma se prostrou deante da formosa imagem de N. Seuhora, e ali rendeu graças pelos beneficios que do Céu recebeu.

Este facto chamou á egreja a atenção e a curiosidade de muitos fieis, como é natural.

D. Maria do Rosario Coelho, da freguezia de Duas Igrejas, Vila Verde, que em Julho passado, por ocasião da peregrinação daquelle Arciprestado ao Sameiro se sentiu miraculada, estando paralitica ha 14 anos.



Situação religiosa em França

Informam de Paris, que o governo francez pretendendo consolidar a paz religiosa sob o regime da Separação da Igreja e do Estado e manter o recrutamento de congregações para as colónias, especialmente do Oriente, fez decretar uma lei financeira, cujas disposições principais são as seguintes: Os



CAPITÃO JOSÉ RIBEIRO BARBOSA

Governador Civil de Braga,
ultimamente condecorado pelo
governo com o grau de Cavaleiro
da Ordem Militar de Cristo

bens moveis e imoveis que pertenceram ao culto e ainda não entregues, serão confiados às associações cultuais legalmente constituídas. Dá autorisação às congregações de ensino e de assistência, que tem obras no estrangeiro, para abrir e manter, em França, noviçados a fim de formar missionários. A comissão de Finanças aprovou estas disposições.

No Japão — Casamento principesco

Celebrou-se no palacio imperial de Toquio, o casamento do principe Chichibu, herdeiro presuntivo da coroa, com Setsu Ko Matsu Daira, filha do embaixador do Japão em Londres.

O primeiro a chegar ao palacio foi Chichibu, vestido dum antigo quimono de grande valor e acompanhado dum destacamento de cavalaria. Veio depois a menina Matsu Daira adornada com uma grande coifa.

A cerimónia realizou-se perante as estátuas dos regios antepassados, trocando os noivos, na presença do mestre de cerimónias o vinho e o arroz.

Os jovens esposos ofereceram em seguida um grande banquete no palacio que para eles foi construido e voltaram ao palacio imperial para serem recebidos pelo imperador e pela imperatriz.

Depois duma serie de festas que devem durar alguns dias, Chichibu e Matsu Daira partirão para o estrangeiro, a passar a «lua de mel.»

A nova Constituição chinesa

Foi promulgada a nova Constituição chinesa, a qual estabelece que o governo nacional será exercido por cinco organismos especiais: legislativo, executivo, judicial, de estudo, e de fiscalização.

*

Informam de Nanquim que o governo vai emitir um emprestimo monetario de 30 milhões de dolares mexicanos, a oito por cento, à taxa de 98, reembolsavel em sete anos.

Um roubo audacioso

Dizem de Nova York, que há dias, na ocasião em que, num escritório situado na 5.^a avenida, no 12.^o andar de um arranha-céus, se mostravam a um cliente alguns diamantes e outras pedras preciosas, 4 homens mascarados e armados de pistolas automaticas, introduziram-se na sala.

Enquanto dois deles assestavam as armas sobre o negociante e o cliente, os dois outros retiraram das mãos do joalheiro as pedras preciosas que estava mostrando, no valor de 40.000 libras.

Consumado o roubo, os quatro gatinhos retiraram-se, cobrindo a retirada com as armas que possuíam e ameaçando os alvejados se estes esboçassem o menor gesto ou soltassem qualquer grito.

Uma mensagem curiosa numa garrafa

Dois homens que andavam a passear numa praia britânica encontraram uma garrafa, arrojada pelas ondas, em cujo interior acharam um papel manuscrito, um alfinete de gravata e a fotografia de dois homens.

O papel dizia o seguinte: «São os últimos momentos do «Titanic» que se afunda. Estou a bordo com o meu cunhado John Williams; a minha esposa e o meu filho John deixaram o transatlântico para subir à última barca de salvação. As orquestras interpretam ainda trechos musicais. Os oficiais correm dum para outro lado. Os homens enlouqueceram, enquanto... (palavras indecifráveis). Reuniu-se um grupo de homens à volta dum sacerdote que dirige algumas orações na ponte do jardim da coberta...»

O resto do papel é ilegível e a fotografia está também danificada pela água do mar.

O «Titanic» afundou-se em 15 de Abril de 1912. Levava a bordo 3.150 passageiros e tripulantes, tendo desaparecido 1.635. Se a garrafa é autentica, vogou sobre as ondas durante 16 anos.



ESPOZENDE — Os dois mais pequenos e assíduos frequentadores da Praia Suave-mar (Gentis filhinhos dos snrs. Dr. Francisco Rodrigues, de Braga, e Celestino Pires, de Caminha)

Pensamentos

Se alguém vos disser que não é de nenhum partido, podeis estar logo certos de que ele não pertence ao vosso.

*

Receio mais um exercito de cem carneiros comandado por um leão do que um exercito de cem leões dirigido por um carneiro.

Passamos a vida a dizer: «mais tarde!» e a ouvir dizer: «muito tarde!»

HA por este mundo muita gente, que não quer ouvir falar em *Religião*. Só o nome lhes excita colera; falam d'ela com uma animosidade, um desdem, um desprezo notavel! Conhecem eles a *Religião*? Estudaram-na? Descobriram n'ela coisas, que os outros não viam? — Não. A maior parte



ESPOZENDE — O pelourinho

são homens de educação a mais superficial, que ha muitos anos esqueceram o pouco Cristianismo, que aprenderam na infancia, e que, á proporção que a idade lhes desenvolveu as más paixões, á proporção que foram frequentando os botequins, e mais logares de más companhias, tornaram-se cada vez mais inimigos da *Religião*.

O que ha pois na *Religião*, que possa excitar tanto odio?

Quanto a mim, debalde o procuro; n'ela só encontro o bom, o belo, consolação; nada, que não seja digno de Deus, digno do homem honrado e rasoavel.

Com efeito, o que é a *Religião*?

E' o conhecimento, o amor, e o serviço de Deus.

E' o laço sagrado, que nos une ao nosso Creador, e Pae.

E' a grande sciencia, que ensina a todos; aos pobres, como aos ricos; ás creanças, como aos homens feitos; aos velhos, aos sabios, como aos ignorantes; que a todos ensina o que são, d'onde vem, para onde vão; para que estão no mundo, que destino os espera depois d'esta vida, que caminho é preciso seguir para ser bom e feliz, que desordens se devem evitar para não ser mau, infeliz, castigado...

E' a sciencia, e a pratica do dever.

Pergunto: o que ha n'isto, que mereça exprobração, ou invectiva?

A *Religião* não nos faz senão bem.

Recolhe, trata, alivia, previne, tanto quanto é possivel, todas as miserias humanas. E' a protectora da infancia. E' ela, que, compadecida da fraqueza d'esta idade levanta por toda a parte asilos para as creanças abandonadas, para as creanças convalescentes, para orfãos; é ela que tem fundado casas de protecção para os aprendizes, e operarios moços.

Foi ela, que fundou os hospicios, as casas de refugio, etc., e que tem suscitado inumeraveis congregações religiosas, tanto de homens, como de mulheres, para cuidarem dos desgraçados, dos doentes, dos presos, dos empestados; para recolherem os viajantes perdidos, ou cançados, para ajudarem as mulheres de má vida a deixarem a desordem, etc.

Foi a *Religião*, que civilisou as nossas sociedades modernas; e todas as nossas grandes idéas de liberdade, de egualdade, de amor fraternal, de amor dos pobres, d'onde nos vieram, senão d'essa *Religião* Cristã, a repelida, e blasfemada por ingratos?

Essa necessidade de egualdade, que atormenta as sociedades, onde encontra mais plena e legitima satisfação do que no

seio da Religião? Vêde em as nossas Igrejas, confundidos e misturados, o rico e o pobre, o amo e o criado, o fiel e o pecador arrependido, junto ao pulpito, no baptismo, no confessorio, na mesa sagrada, para todos só uma regra; é o mesmo Deus, a mesma missa, a mesma benção, a mesma fé, as mesmas esperanças, a mesma eternidade patente a todos.

Que egualdade! E tão suave, tão socegada! Elevando tudo, não destruindo nem rebaixando nada!

A Religião é amiga do homem; trata, e abençoa-lhe a infancia, a vida toda, a velhice, a morte; deposita-o puro e alegre no seio de Deus, que durante a vida, o fez bom, puro, feliz, e que por toda a eternidade o recompensa pela sua fidelidade.

Amemos, pois, veneremos esta santa Religião Cristã; aprendamos a sua doutrina, e pratiquemol-a. Quanto mais conhecemos a Religião, tanto mais a amaremos: quanto mais a amarmos, tanto mais a praticaremos.

Os seus unicos inimigos são os vicios, as más paixões, o orgulho, a ignorancia, a depravação.

Quem é bom sente-se inclinado para ella; desde que se quer ser mau, rejeita-se.

Logo é boa, visto que só o mal a não ama. Logo é boa, visto que torna bons todos aqueles que a praticam sinceramente.

Logo é boa, visto que só faz bem.

A chaga mais profunda do nosso seculo é a ignorancia e a indiferença em materia religiosa.

A Religião é e será a salvação do nosso paiz. O portuguez, que repele a religião, é insensato, não comprehende o proprio interesse, nem o interesse da patria.

Uma tarde, ao chegar á sua casa, d'Ennery encontrou na escada a mulher, que ia sair.

— A que horas conta voltar? perguntou elle.

Mme d'Ennery era algum tanto irascivel.

Quando me aprouver, respondeu ella, secamente.

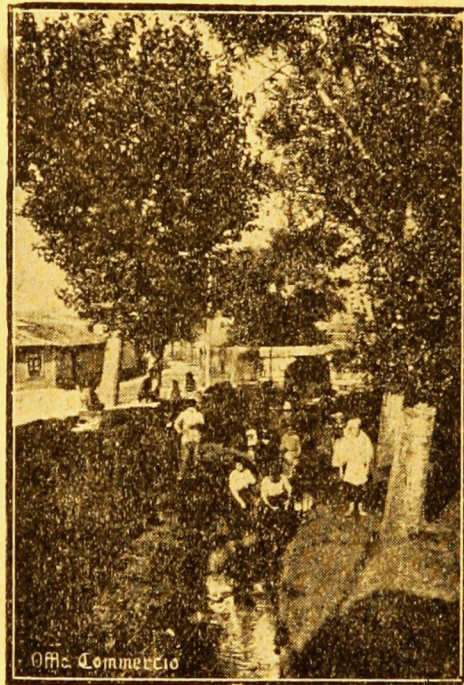
— Sem duvida concedeu o escriptor; mas... não volte mais tarde que isso.

Porque motivo a Religião não destroe a miseria

A religião não destroi a miseria, porque a miseria não pode ser destruida.

A miseria não póde ser destruida, porque as causas que a produzem, não podem ser suprimidas.

A primeira é a desigualdade das forças fisicas, das saudes, dos talentos,



ESPOZENDE — Um trecho do pitoresco regato da rua da Ponte

(Foto. C. Pires)

da intelligencia, da actividade, etc., entre os homens. E' possivel tornar todos os homens iguais, em forças, tamanho, e espirito? E' possivel? Quem ousaria pretende-lo?

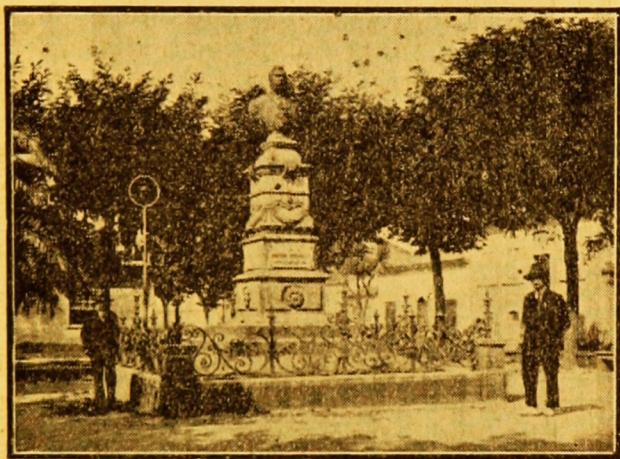
A segunda causa da miseria, ainda mais fecunda que a primeira, são os vicios da nossa propria natureza corrompida pelo pecado: a preguiça, a devassidão, a embriaguez, a prodigalidade, o descuido etc. Quando o homem saí das mãos do Criador, estes vicios não lhe manchavam o coração. Foi o pecado que transtornou toda a obra que Deus tinha estabelecido. A miseria, os padecimentos fisicos e morais, que são

as consequências, veem-nos pois do pecado, e são dele o castigo.

E' tão impossivel destrui-las, como é destruir o pecado, e tornarmo-nos impecaveis.

Mas o que é possivel e o que a religião faz admiravelmente, é vir em socorro dos sofrimentos humanos, diminuir a miseria, alivia-la, adoça-la, santifica-la, e muitas vezes mesmo evita-la.

E' pois com este fim, que ella funda milhares de institutos de beneficencia, que são consagrados a remediar um a um todos os padecimentos dos desgraçados. Desde o berço até a sepultura, nada escapa à sua terna compaixão, hospícios de maternidade para



ESPOZENDE — O monumento ao grande jornalista António Rordrigues Sampaio

(Foto. C. Pires)

as mães indigentes, hospícios de engeitados, e de orfãos; asilos para as crianças, que com a sua presença em casa impediriam as mães pobres de ganhar o seu jornal; escolas gratuitas, onde os filhos do povo adquiram conhecimentos religiosos e intellectuais, necessários para se ser homem de bem, verdadeiro cristão, operario util e bom cidadão; casas de protecção para ajudar os aprendizes e operarios novos no tempo tão duro da sua iniciação à vida do trabalho manual; associações de socorros mutuos entre os operarios, para lhes tornar mais facil a prática do bem, e para suprir as necessidades daquele, que a doença, ou a velhice, impossibilita de ganhar a sua vida; hospícios para os alienados; hospícios para os velhos;

enfim hospícios para render aos defuntos pobres os últimos deveres; nada escapou à religião. A miseria atrai; corre onde sabe que há uma dor para aliviar, se para isso lhe dão liberdade.

Em todos os países, onde a sua voz é ouvida, a miseria diminui, o rico torna-se o amigo, o irmão até muitas vezes o servo dos pobres. Dá o superfluo aos desgraçados, e a posição destes torna-se senão comoda e agradável, ao menos suportavel. A religião remediou ainda de um modo mais poderoso os vicios da alma, que são a segunda fonte da indigencia. Ella limpa pouco a pouco o orgulho do nosso coração, da cubiça, da concupiscencia, do egoismo, em uma palavra, de todos os seus vicios; faz-nos sobrios, temperantes, arranjados, laboriosos; leva-nos a sacrificar-nos pelos outros; faz-nos ver um irmão em cada infeliz; cria em nós um coração novo, aberto a todos os bons sentimentos; e penetra assim até à raiz mais profunda do mal. Quasi sempre na verdade, as nossas desgraças vem das nossas paixões, e só o Cristianismo póde acalmá-las, conte-las e domá-las.

Ella dá ao nosso coração esta alegria, esta paz tão suave, que produz a pureza da consciencia. Como compensação das nossas privações neste mundo, propõe-nos as mais magnificas esperanças, e firma as suas promessas com as mais irrefragaveis provas. Se o cristão sofre na terra, tem a *segurança* que terá na outra vida uma recompensa inefavel e eterna!

A religião vem pois, *tanto quanto é possivel*, em socorro da miseria.

Se a não destroi inteiramente, repetimo-lo, é que a miseria não pode, não deve ser destruida neste mundo.

O mundo é o lugar prova, da expiação e do sofrimento. Mais tarde virá a felicidade perfeita e sem mistura.

Sejamos pois bons cristãos, se queremos ser *felizes* a despeito das misérias da vida: *Só o cristão tem a felicidade POSSIVEL neste mundo, e a felicidade PERFEITA no outro.*

Estejamos precavidos contra cer-

tos homens que nos prometem um bem estar universal, quimerico, que nenhum poder humano pode dar, porque é contrario à natureza das coisas, e às vistas da divina Providencia. São charlatães que nos enganam e que mofam de nós.

Não façamos pois como certo cão, que vendo a preza que trazia na boca representada na água duma ribeira que atravessava, largou-a para apanhar a

imagem dela, e esteve quasi afogado.

O pobre animal voltou para terra e ficou sem a sombra e sem a realidade.

Assim fariam as pessoas crédulas, que encontrassem estes faladores. Perderiam a unica felicidade possivel nesta vida, aquela que lhe dá a religião, e não teriam a felicidade impossivel e quimerica, que os homens não lhes podem dar.

Dos Senhores d'África

Um quarto de hora de avião sobre Lourenço Marques

... **M**ANHÃ triunfal de julho. No azul suavissimo parecem torvelinhar poalhas de ouro á maravilhosa radiação do sol. E' quasi meio dia. No vasto campo de exercicios dos quartéis da bateria mixta, na extrema da cidade, há apenas umas dezenas de curiosos, mirando as pessoas inscritas para as ascensões da manhã: dois parses, alguns banianes e hindus, ingleses e um punhado escasso de portugueses. Ouve-se longinquo, como um rumor de vento solto, o besoar da vida da cidade interrompido pelo tinir das campainhas dos eléctricos, pelo fonfonar dos «autos», pelos silvos dos vapores surtos no pôrto.

Ao fundo, perto de um poste, o avião acaba de poisar, largando uma esteira de poeiradas. E' um «Moth» de pequena envergadura, leve, que de longe dá a impressão de um albatroz de azas distendidas e peito cozido á terra.

Sobem os dois parses, trajando á europeia, tisonados, os olhos pretos, sorridentes, um por cada vez. O primeiro pede ao major Miller que faça viravoltas e cambalhotas, e eis que o vemos, ao avião, dentro em pouco, nos giros do loopingthe-loop, com as aves na deslocação de ar produzida pela marcha dos vapores no mar alto, e em seguida nesses arriscados e impressionantes abandonos dos chamados vôos em folha morta, como aguia ferida, demorando aos poucos, de azas abertas, a brusqueza mortal da queda, para logo depois retomar subitamente, a um fremito da hélice, o rumo do alto e sobrepairar de novo lá em cima em largo vôo.

Por mais que já o haja visto, este espectáculo contende-me com os nervos. A meu lado, o filho do parse, que vai ras-

treando com a vista os halos do avião, abre os olhitos e junta as mãos ao fitar as perigosas manobras a que o pai se abalança, e sente-se a alegria da criança quando ao baixar o aparelho, dá com ele ainda vivo na carlinga e corre doidamente ao seu encontro a chamar:

— Bapa! Bapa! Meu pai! Meu pai!

Sobem ainda o outro parse, irmão do primeiro, levando ao colo o sobrinho que agora parte sem sustos e regressa radiante como de um jogo ou brincadeira aventureira, um hindu, uma inglesa com um «baby», depois outra e, finalmente, cabe-me a vez.

Miro a inglesa que acaba de descer e parece sair de uma crise de enjôo num barco catraeiro após seis horas de pesca. O major Miller ao ajudá-la a tirar da cabeça o gorro de coiro, dá por isso e desfranze um ironico sorriso.

— «All right» pergunta-me.

— «I am at your command».

A impressão que sinto? Não é fácil reproduzi-la. Já a tive antes de passar por frageis pontes de bambus sôbre torrentes africanas... E' a comum na iminência de todos os riscos. Mas enfio o gôrro, cinjo os óculos, lanço os pés ao estribo e salto para o meu logar de viajante na carlinga. O major ocupa à minha retaguarda o seu, para a manobra.

Um mecânico ali presente dá balanço à helice que, num arranco, regira e zune ao abrir do motor, fazendo estremecer todo o avião. A banquêta onde vou sentado é baixa. Para a frente, atravez dos dois vidros do para-vento, a mancha unida das pás da helice em rodopio; para os dois lados, a vista corre, ao rez das bordas da carlinga, sôbre a superficie aluminizada das

duas azas, que brilham ao fulgôr cortante e meridiano do sol alto.

De repente, o aparelho destrava e marcha para a frente. Há um saltitar dos rodados sôbre o terreno — esse que torna gracioso o levantar das arvéloas, correndo aligeras até voltearem do solo.

Suavemente, presinto que todo o avião está suspenso e que o vôo começou. Caloiro em semelhantes arrôjos, o meu olhar fita-se na extrema da carlinga e parece-me que todos os zunidos e barulhos estrepitantes do motor e da helice me matrâcam, enchem e atordôam a cabeça.

O avião guina numa larga curva para a esquerda e rompe a transmontar os planos das alturas — pelas escadarias do azul, como diria em hora de nefelibatice o António Nobre. Foram para mim esses os momentos de mais frisante sensação em toda a viagem. A cada voadura de subida, tinha exactamente impressão igual à que se sofre ao içar de um elevador, aquela que há cinco anos o belo e infortunado Emilio de Carvalho pitorescamente me descrevia em Luanda como um despegar de tripas no baixo ventre.

Tudo, porém, decorre num instante — e é o que vale. Um olhar para fora da borda mostra-me que, como solicitára do meu perito timoneiro, acabamos de transcurar o edificio do Polana Hotel — pequeno dado poisado na verdura das barreiras do litoral — e enfiarnos direitos á baía.

Para o sul, uma ampla cortina de nevoaças marinhas desce sôbre o tapête liquido a cuja tóna anda a brincar á luz diáfana dos céos matinaes, uma doce tremulina azul, aqui e além chofrada de oirescencias. E quando o major Miller toma rumo ao pôrto, eu posso, na viragem, gozar então essa aguarela inenarrável que abarca, desde as alturas do velho farolim, as escarpas da praia, a cujo sopé o «tea-room» surde como simples barraca, e depois toda a amarelenta terra interior debruada pela extensa fimbria dos areais, babujada de espumas e apepujada de rasteiros arvoredos, que orla até ao longe pela direita, numa curva de espreguiçamento, os horisontes da baía!

As ilhas são meras tonalidades sombreádas na tela baça das neblinas. Para a esquerda, a outra margem desenha-se pelas alvas praias do litoral na falda das barreiras cobertas por uma vegetação verde escura. Para leste, a terra intérrima é uma mancha acinzeirada sobre cuja vastidão rolam nuvens em brancos novelos, empolados e movediços.

Galga agora o avião para mais alto e vôa sôbre a cidade baixa. O zunido do motor e da helice parecem fundir-se no sussur-

ro do ar durante a marcha, e lá de cima, por falta de pontos de referência, a sensação de que se caminha é tão atenuada que, por vezes, se substitue em mim pela de que o avião se sustem num longo paio.

Eis que surge em baixo a zona da cidade velha com o seu casario acumulado e estreito, onde a Rua Consiglieri Pedroso parece uma quêlha pejada de viaturas, a estátua de Enes um ponto preto e o corêto da praça 7 de Março uma rodela, e a faixa acarvoada do cais tendo a ela acostados três vapores — um grande pôrto em Liliput. A's pessoas que deambulam nos centros de maior aglomeração surpreendo-as eu como aos figurantes minusculos dum quadro do célebre humorista madrileno, e bem compreendo que os aviadores e as aves considerem o mundo mais pequeno do que ele é...

Estas curiosidades porém, depressa se saciam, e, erguendo a vista, vou defrontar então com o soberbo panorama que aparece à minha frente.

Se Lourenço Marques é, à entrada, de manhãzinha, ao romper do sol, como há tres anos pela vez primeira a vi, o encanto dos olhos viajantes, e percorrida, o espanto de todas as suposições, — não há negar que apreciada do alto em avião, toda a sua beleza natural e característica ressalta de uma maneira e com um colorido que a imaginação não pode suspeitar!

O estuário ensancha-se, a azul claro, logo ao termo do porto, e verifico quão verosimil foi na lenda antiga que uma vasta Lagoa o imaginassêm, desembocadura imensa dos rios nascidos num misterioso lago interior, fonte comum dos grandes cursos de água africanos. As margens revelam-se como feitas a traço leve por um desenhador de paisagens.

As correntes do Matola, do Umbeluzi e do Tembe, de tão esmaecente côr que bem depressa ao longe se mistura com a da moufinha da manhã, invadem a terra do continente, aqui e além cortada pelas fitas das estradas, marcada nos vales por arvoredos mudos, e toda de um tom geral amarelido que quási afoga os contrastes e acentuaria as perspectivas de um infecundado e monótono deserto, se não a conhecessemos habitada e se por sôbre os pendores da serra dos Libombos, cujas cumieiras passam nos confins com um contorno boleadado de larga vaga, as claridades cérulas e diáfanas do céu não esbatessem uma suave imprimadura de azul, que de lá desce a emaciar a impressão de que se contemplam terras solitarias.

Todavia, como numa sucessão calidoscopica de quadros, esta maravilha logo cessa. O avião, rodando sôbre a direita procu-

ra rematar o vôo, e é toda a cidade nova que ele em novo cenário me oferece, cobrindo o platô, com suas compridas avenidas e ruas tracejadas a régua e a compasso, demarcadas por construções claras de alvenaria, alvejando ao sol — a demonstração mais brilhante do nosso esforço colonial. Naturalmente, meus olhos buscam curiosos os locais conhecidos, e sinto vontade de que o avião desça tão baixo que bradando pelas pessoas amigas, lhes possa acenar um adeus. E' toda Lourenço Marques moderna, é toda a promessa de uma grande cidade que se atesta, rasgando e preenchendo a planura, com uma realidade tão viva que só a fotografia colorida poderia reproduzi-la como ela é, alegre e consoladora.

Isto porém, é apenas a confirmação do que todos os dias com justo orgulho sentimos.

Revelação é descobrir, para além das ultimas avenidas, o conjunto dos bairros indigenas cuja extensão dobra seguramente a dos da alta e baixa da cidade. E' um vasto e nutrido aglomerado que ao norte vai terra à dentro, para os lados de Nulene, da Zixaxa e de Marracuene, assinalado pelas pequeninas manchas cinzentas das folhas de zinco cobrindo as habitações e brilhando ao sol — como se tivessem sido atiradas das alturas e ficassem esparsas a ês-mo, umas perto das outras. Sobem fumeiros das palhotas, e por entre o arvoredos posso distinguir gado pascendo nas abertas relvosas. Carreirinhos e caminhos entrecorrem os povoados daquele inedito e para mim insuspeitado e excentrico prolongamento da cidade, que deixo de avistar em breve, pois que o major Miller, subito, fazendo deminuir o giro da helice e o pulsar do motor, começa curvejando vagarosamente no ar, preparando a descida.

Haviam-me prevenido de fortes sensações para esse momento. Nenhumas senti. Era como se o avião fosse descendo os «relevés» duma comprida rampa, em amplas laçadas.

Numa viragem ainda enxergo ao longe uma nêsga da baía, por um rebôrdo da costa. Mas toda a minha atenção se concentra agora em observar os novos aspectos do panorama que vai crescendo em detalhes à medida que o aparelho vai baixando, como se, de mais alto, estivesse a examiná-lo de binóculo, regulando pelo grau de visão o aproximar das lentes.

Deixamos já para traz o quartel de dragões e logo quási debaixo de nós a igreja paroquial me parece uma construção em cartonagens. Mais outra volta, e estamos sôbre as pobres casas da incipiente avenida Gomes Freire. O major Miller acerca-se

mais de terra e ruma aos primeiros edificios dos aquartelamentos da bateria mixta. Soldados negros nas paradas voltam os carões mirando o avião. Os muros e vedações dos quintais visinhos distam poucas dezenas de metros da carlinga.

Então, precisamente no momento em que há a impressão de que se vai mergulhar, revibra o frémito da helice e a trepidação do motor, como se fora um derradeiro bater de remigios, e o avião transpondo a curtos metros e em vôo recto uma paliçada, vem aterrissar e rolar «la queue haute» e serenamente no campo... O passeio aéreo terminára.

Ao descer da carlinga, quando desprenhia as fivelas do gôrro, o major Miller notava a rir que eu estava tão pálido como a inglesa que me precedera...

FRANCISCO VELOSO.

O devedor de má fé

Um camponez tinha um cavalo para vender. Um dos seus visinhos disse que lho compraria de boa vontade se tivesse dinheiro, mas que não tendo certeza de quando o poderia vir a ter, renunciava o seu desejo.

Por isso não seja a duvida, lhe respondeu o outro, pagar-mo-hás quando poderes.

Fez-se pois o ajuste, e o comprador levou o cavalo deixando a sua promessa de pagamento por escrito.

O vendedor, passado algum tempo, soube que o comprador do cavalo se achava em circunstancias de pagar, e todavia que não queria. Intimou-o juridicamente para satisfazer a divida ou restituir-lhe o seu cavalo.

«Nem uma nem outra coisa respondeu este; o cavalo é meu, visto que conviestes em mo vender; quanto ao pagamento, lê-de (mostrando-lhe a obrigação), foi à minha vontade que eu prometi pagar o cavalo, mas esta vontade ainda não chegou.»

«Nesse caso, disseram os juizes, ireis esperar para a cadeia que chegue a vossa vontade.»

Como esta sentença foi posta em execução, a vontade de pagar logo chegou.

ANECDOTAS HISTORICAS

Dizia-se que o sr. Sémonvile, homem politico, era dotado de tal espirito pratico que os seus menores actos visavam um fim util á sua pessoa.

Informado da sua morte, Talevrand abysmou-se em profunda reflexão; finalmente, disse:

— Não posso adivinhar que interesse teve Sémonvile em morrer...

*

Uma joven artista cantava, n'um salão, uma aria de *Salambô*. Quando terminou, disse ao autor de opera, que estava presente:

— Tive, maestro, um medo imenso . . .

Reyer declarou, sorrindo:
O meu foi ainda maior.

*

Musico consumado e admiravel executante, Liszt era, como se sabe, dotado de um espirito mordaz.

Referindo-se a um pianista famoso, que tocava frequentemente em favor dos pobres, Liszt disse:

— E' a caridade personificada. D'ele se póde, de facto, dizer que a sua mão direita não sabe o que faz a sua esquerda.

*

Tudo quanto é aceito como verdade pela multidão é, em regra, uma tolice ou um preconceito.

*

O evangelho inglez aconselha:
«Faze aos outros o que eles te fizeram.»

*

Os anos não nos tornam prudentes; apenas nos tornam velhos.

*

O espirito serve para tudo, porém nada produz. O silencio tem-me sido mais util do que o espirito.

*

Nunca digas mal de ti mesmo; os teus amigos se encarregarão d'isso.

Hoje já não se acredita nos salvadores da patria; eles estragaram o officio.

*

Ha uma arma ainda mais terrivel do que a calunia: é a verdade.

*

A palavra foi dada ao homem para ocultar o seu pensamento.

Colecção "Veritas,"

Está já impressa, pronta a sair em outubro, a primeira novela desta *Colecção*.

Intitula-se *O Avô*, e é seu autor Nuno de Montemor, sendo ilustrado por Clotilde Mateus.

Livro onde canta e scintila a flôr da ternura portuguesa, ao ser lido num cenaculo de escritores, todos o julgaram a melhor obra de Nuno Montemór.

As ilustrações são a revelação de um novo talento no meio artistico portugês, sendo Clotilde Mateus um dos novos valôres descobertos pelo movimento que Nuno de Montemór e a *União Gráfica* lançaram.

O volume é magnificamente impresso em optimo papel, com capa a tricromia, e será remetido pelo preço de 6\$00 aos assinantes que enviem, até 3 de outubro esta importancia, acrescida de \$80 para porte do correio, á *União Gráfica* — Travessa do Despacho, 16 — Lisboa.

Uma vez posto no mercado o preço do livro será elevado pois que o custo de 6\$00 é um preço de sacrificio feito em favor dos assinantes que, desde a primeira hora, aplaudiram um movimento, que tem por fim a renovação da literatura catolica em Portugal.